

OS RATOS DA LOIRA NÃO CONHECEM A CIDADE

Uma cidade é seu povo. Os ratos não são a gente de Brasília, como a falsa loira, burra e velha apresentadora de televisão, que votou e pediu voto para o prefeito Celso Pitta, anunciou entre uma propaganda e outra. Se há corruptos e picaretas no Congresso Nacional eles são enviados por brasileiros de outros estados — nunca é demais lembrar: nenhum parlamentar do Distrito Federal esteve envolvido em qualquer falcatura.

Brasília não é a praça dos Três Poderes, não são os políticos cassados ou envolvidos em escândalos,

não é um antro ou um ninho de miomorfos. Brasília são 150 mil pessoas a procura de um emprego, outras tantas procurando um lugar para morar, 15 mil que procuram tratamento médico todos os dias, milhares que dormem em filas para conseguir uma vaga na escola para o filho.

Brasília não são os monumentos, a cidade tombada, os prédios imponentes. A cidade não é a beleza de um cartão postal. É uma cidade com vida, cheia de problemas e com algumas soluções que fazem dela um exemplo para ser seguido

por outras metrópoles. Há uma verdadeira cidade aqui, criada e que cresceu em torno de políticos nacionais. Mas hoje eles estão distantes, conhecem pouco mais que o caminho que vai dos apartamentos funcionais ao Congresso Nacional, nunca estiveram nas cidades e no Entorno, sequer olham pela janela do avião que os traz e leva todas as semanas. Não conhecem a cidade, não vivem nela. E poderiam ser melhores se conhecem.

Os ratos não são nossos. Os roedores chegaram ao Brasil nos mesmos navios que trouxeram os colonizadores. São originários da Ásia, onde serviam como método de tortura — a patologia do homem-rato, de Freud, é baseada no castigo chinês de se prender uma vasilha cheia de ratos no traseiro do criminoso o que obrigava os animais a

“BRASÍLIA NÃO SÃO OS MONUMENTOS. É UMA CIDADE COM VIDA, CHEIA DE PROBLEMAS E COM SOLUÇÕES QUE FAZEM DELA EXEMPLO PARA SER SEGUIDO POR OUTRAS METRÓPOLES”

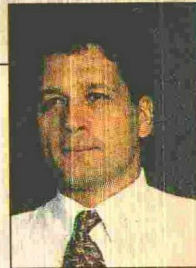
roer a carne e procurar saída pelo ânus.

Os ratos são um problema do Brasil, que anda precisando de um Oswaldo Cruz da ética, não de Brasília. A cidade deve se preocupar mais com seus problemas do que com o rato dos outros e está diante de alguns desafios inadiáveis. O maior deles é conseguir trabalho para 150 mil pessoas.

A crise é imensa porque novas vagas estão sendo abertas, mas não o suficiente para empregar toda essa massa de trabalhadores. Os empresários de Taguatinga — os mais

atuantes do Distrito Federal — reivindicam a criação de um pólo industrial, com incentivos capazes de atrair investimentos para Brasília, o que abriria um imenso campo de trabalho. O Governo argumenta que não é qualquer indústria que interessa ao Distrito Federal, e rebate com a criação de um Distrito Industrial, o que não é a mesma coisa.

As ações do governo são assim, lentas, demoradas, quase envergonhadas. E insuficientes. Nem mesmo a simples e prometida transferência da Secretaria de Indústria e



Comércio para Taguatinga, saiu do papel. Já daria algum impulso.

A industrialização de Ta-

guatinga (ao lado das limítrofes Ceilândia, Samambaia, Recanto das Emas e Riacho Fundo) seria a solução mas rápida para diminuir o desemprego. A proposta é a criação de uma indústria de subsistência, o que evitaria boa parte da evasão monetária. Um controle eficaz poderia diminuir os efeitos da industrialização no meio ambiente, ao invés de simplesmente proibir a implantação de um parque industrial mais amplo.

É preciso trabalhar para dar trabalho. E cada vez mais os ratos terão menos importância.